

# ***Entrelaçamentos de lembranças musicais e religiosidade: “quando soube que cantar era rezar duas vezes...”<sup>1</sup>***

Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres

Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Fundarte/UERGS)  
ceciliatorres@brturbo.com

**Resumo.** O presente artigo é um recorte de uma tese de doutorado que apresenta e discute os resultados junto a um grupo de 20 alunas de um curso de graduação em pedagogia, muitas das quais já atuam como professoras do ensino fundamental, na qual busquei analisar a constituição das identidades musicais, através das *narrativas de si*, orais e escritas, situada no campo dos estudos biográficos. Ao longo do trabalho, procurei mapear as relações de tais alunas com as músicas de diversas épocas e origens, desde a fase de infância, de adolescência, até o momento atual da vida adulta, conforme seus diferentes discursos e as articulações destas com as memórias de festas religiosas, cultos, aulas de catequese, missas e outros rituais religiosos, em um entrelaçamento entre músicas e religiosidade.

**Palavras-chave:** lembranças musicais, religiosidade, educação musical

**Abstract.** The present article is a piece from a doctorate thesis that presents and discusses the results in a group of twenty female students from a Pedagogy Graduation Course. Many of these girls already act as elementary school teachers. I tried to analyse the constitution of musical identities through *narratives of self*, both written and oral, situated in the field of biographical studies. Along the paper, I sought to map the relations between these students and music from different times and origins, from childhood and adolescence until the present moment of adult life, according to their different discourses and the articulations with memories of religious feasts, ceremonies, religious classes, masses and other religious rituals, interlacing music and religiousness.

**Keywords:** musical memories, religiousness, music education

## **Introdução**

Minha primeira escola era Adventista (apesar de eu ser católica) e tinha aulas de canto, em que aprendíamos as letras das músicas religiosas que cantava-se nos

cultos e apresentações. A aula de música era em forma de coral, e o único instrumento que podíamos “olhar” era o piano antigo da professora. (Manoela, 21 anos, A).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Trecho retirado da autobiografia musical de Ana, uma das participantes desta pesquisa.

<sup>2</sup> Os excertos das entrevistas e autobiografias das 20 entrevistadas são apresentados no texto identificando as narrativas orais com E (entrevistas) e as narrativas escritas com A (autobiografias).

Este artigo é um recorte de minha tese de doutorado, *Identidade Musicais de Alunas de Pedagogia: Músicas, Memória e Mídia* (Torres, 2003), e escolhi abrir este texto com um excerto da autobiografia musical de Manoela, uma das participantes desse trabalho, em que os aspectos musicais emergiram imbricados à religiosidade, às lembranças da infância e às aulas de música na escola confessional.

A presente pesquisa teve como objetivo conhecer e analisar a constituição das identidades musicais de um grupo de alunas de pedagogia, focalizando o campo das narrativas de si, através das lembranças musicais, na qual busquei também o aporte teórico no diálogo com diferentes autores envolvidos em estudos de educação musical, narrativas e discursos, identidade musical, cultura popular, mídia e biografias de mulheres, possibilitando, dessa maneira, um entrelaçamento entre as falas das entrevistadas e essas áreas do conhecimento.

Na abordagem de Frith (1996), no que tange à constituição das identidades musicais, essa identidade é lembrada e narrada entremeada com memórias, fatos, locais, pessoas e sentimentos. Para o autor seria ver a identidade musical como algo que vai se constituindo por muitas escutas e influências, que muda, que deixa alguns sons pelo caminho e seleciona outros, que escolhe o que gosta ou o que não gosta para ouvir. Frith complementa ainda que, em relação às escolhas por determinados estilos e músicas, a importância das vivências musicais corporais ganha destaque, pois

a música constrói nosso senso de identidade através de experiências diretas oferecidas ao corpo, em tempo e espaços sociais, experiências que possibilitam nos posicionarmos em narrativas culturais imaginativas [...] Isso é, talvez ironicamente, voltar à música através da metáfora espacial. Mas o que torna a música especial para a identidade é que ela define espaço sem limites (um jogo sem fronteiras). (Frith, 1996, p. 124-125, tradução minha).

O que chamo de autobiografias musicais, nos limites desse trabalho, são as narrativas de si escritas pelas alunas participantes da pesquisa, em que estão mescladas as memórias musicais da infância, adolescência e vida adulta com as lembranças de melodias, letras de músicas, *shows* de bandas, rituais religiosos, aulas de instrumentos musicais, influências de grupos de amigos e familiares e práticas pedagógicas, dentre outras lembranças.

Situo, dessa maneira, este texto dentro do campo da chamada pesquisa biográfica, que Roberts (2002, p. 176, tradução minha) define como uma maneira de desenvolver pesquisas que focalizam aspectos "individuais da vida das pessoas utilizando documentos autobiográficos, entrevistas ou outras fontes e

apresentação de relatos em várias formas". O autor prossegue em seus comentários, ressaltando que:

É um excitante, estimulante e rápido campo de mudanças que busca compreender as experiências e visões, em constante mudança, de indivíduos em seus cotidianos, o que eles consideram importante, e como possibilitar interpretações dos relatos que eles apresentam de seu passado, presente e futuro. (Roberts, 2002, p. 1, tradução minha).

Para iniciar o trabalho com o grupo, organizei uma entrevista com um roteiro de nove perguntas relacionadas às memórias e à constituição das identidades musicais de cada participante, assim como solicitei também que cada uma das alunas entregasse sua autobiografia musical, que consistia num escrito sobre as memórias musicais ao longo da vida, para desta maneira conhecer as narrativas de si acerca da constituição das identidades musicais.

A partir da questão que formulei, "Quais as lembranças da música e os entrelaçamentos com as práticas religiosas: primeira comunhão, grupos de jovens, missas, encontros de casais e cultos, por exemplo?", surpreendi-me com a multiplicidade de fatos e lembranças musicais que emergiram juntamente com as práticas religiosas, compondo diferentes cenas e aspectos da religiosidade.

### **Lembranças musicais**

Destaco que o tópico referente aos aspectos de religiosidade e música foi abordado ao longo das falas de 17 das 20 entrevistadas, sendo que três delas não trouxeram lembranças relacionadas aos rituais religiosos ou pelo fato de a família não ter uma opção religiosa determinada ou pela crença que praticavam – que emergiu nas lembranças de duas das alunas – não incluir músicas em seus rituais. Considerarei, portanto, que as diferentes religiões permearam e influenciaram a constituição das identidades musicais desse grupo de mulheres, como se pode perceber no trecho abaixo:

A religião também me influenciou. Meu pai sempre cantou em conjuntos na igreja; minha irmã e eu fazíamos parte dos corais e conjuntos infantis... Na escola (adventista, a mesma da minha religião), cresci cantando na sala de aula musiquinhas sobre Deus e suas maravilhas, e cantigas de roda, entre outras. (Liliane, 21 anos, A).

Esse questionamento sobre memórias religiosas desencadeou muitas lembranças, como melodias sussurradas, letras de músicas cantadas nas ocasiões dos cultos, vozes dos corais masculinos nos serviços religiosos. Em outros momentos foram narradas as aprendizagens musicais com os grupos e movimentos jovens, as aulas de música nas escolas confessionais, o repertório das catequistas e as trilhas das missas e casamentos. Acrescento ainda

as falas que trouxeram as orações cantadas na igreja e em casa, as músicas para a primeira comunhão, batizados e as tocatas e fugas executadas no órgão da igreja. Um outro aspecto que chamou a atenção foi em relação ao repertório selecionado e apropriado para essas reuniões religiosas, em que Sofia comenta em entrevista que na igreja que frequenta “[...] tem cânticos, a gente tem um livro que é um cancionário onde tem várias músicas, né, que são músicas religiosas. Não sei que tipo de música é aquela, mas é música religiosa e a gente canta.”

Percebi que são muitas as ocasiões em que as músicas estão acompanhando as diferentes práticas religiosas, como nos excertos das narrativas de Fernanda, Margarete e Milena, que relembram especificamente aspectos musicais das missas, aulas de catequese e batizados compondo os rituais da Igreja Católica.

Na escola eu tinha aulas de canto com músicas de igreja por estudar em um colégio de freiras, o que foi muito interessante... pena que minha voz de “taquara rachada” não conseguia acompanhá-las. (Fernanda, 27 anos, A).

Eu lembro bem quando a gente fez a comunhão, me lembro que tinha os cantos assim da missa da comunhão [que] foi toda animada pelo grupo da catequese, a gente ensaiava; tinha dia que tinha aula, tinha dia que tinha ensaio... era uma atividade muito especial, isso eu me lembro também. (Margarete, 51 anos, E).

Ah, agora tu me fez lembrar! (risos) Eu sou católica, né? Então, eu sou catequista de crisma também. Até na escola onde eu trabalho tem muitas músicas, realmente do grupo de jovens, né? Do CLJ e da crisma, né... (Milena, 21 anos, E).

Em outros momentos foram os valores e princípios religiosos que os pais e mães de algumas das entrevistadas utilizavam para censurar e até proibir determinados discursos musicais, que abordam temáticas como violência e sexualidade e em que seus intérpretes se apresentam com vestimentas consideradas não “apropriadas”, ou que expõem parte do corpo através de gestos e coreografias *erotizantes*. O exemplo trazido por Sofia retrata esse aspecto.

E em casa, assim em função da religião, minha mãe sempre me proibiu de ouvir músicas muito, muito partidas para a violência, assim, ou que mostravam assim, trabalhar muito com a sexualidade, essas coisas... (Sofia, 21 anos, E).

Um outro ponto que destaco nesta parte está relacionado com os significados das letras das músicas religiosas, principalmente aquelas que acompanhavam as missas festivas durante a cerimônia da primeira comunhão, pois foram lembradas por várias alunas no decorrer das entrevistas. Esta temática já havia despertado a minha atenção ao emergir durante atividades musicais em uma disci-

plina que ministrei no ano de 2000, em um curso de extensão para professoras que trabalhavam ou iriam trabalhar com grupos de terceira idade, onde descrevo que

o aspecto da religiosidade emergiu ligado fortemente às memórias musicais desse grupo de alunas. Acredito que esse aspecto foi significativo pela faixa etária das professoras - a grande maioria com mais de 50 anos - e pela influência dessa população composta pelas culturas alemã e italiana, com seus rituais e festas religiosas. As lembranças vieram permeadas pelos sons de vozes nos corais, instrumentos musicais e melodias, compondo as histórias musicais daquele grupo de mulheres. Foram lembranças de cultos evangélicos e luteranos, misturados com missas, batizados, colégios católicos e ladainhas.

Algumas falas das alunas:

– *Nossa Senhora*, de Roberto Carlos, sempre nas missas e festas religiosas.

– As músicas da primeira comunhão, como *Mãezinha do Céu*.

– Os salmos que cantávamos nos cultos e ofícios religiosos.

As Irmãs, do colégio onde estudei, e as músicas que ensinavam para cantarmos nas missas. (Torres, 2001, p. 5).

Assim, para essas alunas desse curso de extensão, intitulado *Ressignificando a Terceira Idade*, “os momentos como a preparação para a primeira comunhão, as aulas de catequese, as missas, os cultos, as festas no colégio de freiras e as orações em família foram articuladas com as músicas”, e, dessa forma, ao longo da disciplina que trabalhava com música o grupo teve possibilidades de perceber relações entre suas memórias narradas e as melodias e rituais religiosos, ao lembrarem inclusive a letra inteira de certos hinos religiosos e até cantarem parte destas melodias para as colegas no momento desse trabalho. Também destaco que as entrevistadas e os entrevistados por Bosi (2001), em sua pesquisa sobre *lembranças de velhos*, deram visibilidade às lembranças musicais, ao contarem suas histórias de vida permeadas pelas práticas religiosas, descrevendo detalhadamente cenas e sonoridades, como destaca a autora através da fala de uma das participantes de sua pesquisa:

As procissões eram uma festa para nós: procissão de encontro, a do enterro da Semana Santa. Tinha uma banda na frente, outra banda atrás. A procissão do enterro ia até o largo do Arouche, rua das Palmeiras, quando chegava no começo da avenida Angélica a Verônica cantava, era uma ceguinha. (Bosi, 2001, p. 311).

Estabeleço uma relação entre as alunas da minha pesquisa, embora a maioria pertença a uma faixa etária bem mais jovem, e os entrevistados e

entrevistadas dos exemplos trazidos por Bosi e Torres, pois o grupo também demonstrou o quanto as identidades musicais são interpeladas por essas lembranças ligadas às religiões e suas práticas. Sublinho também aspectos de aprendizagem musical ligados aos rituais das igrejas, através dos ensaios de corais, de grupos de violão, de preparação de um repertório para as missas e cultos. Os exemplos de Yasmin e Beatriz vêm corroborar as colocações feitas acima:

Da música? Ah, a minha família é de tradição católica, a minha mãe é catequista, então desde bem cedinho eu fui já iniciada na Igreja Católica, fiz comunhão... participei daqueles grupos de jovens, perseverança, né, Todos aqueles rituais e lembro bastante da música, inclusive a gente passava as tardes de sábado em corais, em ensaios de canto para a missa de domingo. Então nós cantávamos aqueles hinos, aquelas músicas de igreja, algumas já conhecidas, né. O *Glória*, *Aleluia*,<sup>3</sup> músicas assim! Por exigência e por gostar, porque o coral era aberto pra quem queria. (Yasmin, 22 anos, E).

Deixa eu ver em que ano foi... em 97 ou 96, por aí, eu cheguei a ficar um mês num grupo de jovens da Igreja Católica [...] Em 99 eu voltei, aí eu jogava lá... ia às missas e adorava ir nas missas. Adorava quando o grupo de jovens tocava. Comecei e aprendi a tocar violão com eles, iniciei, né, lá com o grupo de jovens. A gente se reunia no domingo para jogar vôlei ou futebol e também para ensaiar para a missa. Mas eu nunca cheguei a tocar na missa, mas eu comecei a tocar assim. (Beatriz, 22 anos, E).

Após selecionar vários trechos relativos à temática da religiosidade e música, senti necessidade de buscar na literatura, e mais especificamente na área da educação musical, alguns autores que estão pesquisando sobre o tema e, dessa maneira, poder estabelecer conexões entre as lembranças musicais e a literatura. Ressalto o trabalho de Souza (2003), que aborda a questão da música evangélica e a indústria fonográfica no Brasil, durante os anos 1970 e 1980, fase essa que coincide com o período vivido e lembrado por algumas das alunas. O autor tem como objeto de sua investigação desencadear uma reflexão sobre a música evangélica que era produzida no Brasil até a década de 1980 e as conexões com a indústria fonográfica. Para dialogar com as idéias apresentadas por Souza, destaquei um excerto da entrevista de Capitu, que enfoca suas memórias musicais no espaço da Igreja Batista.

Bem, meu avô e a mulher dele, eles são da Igreja Batista. Eu nunca fui muito assídua assim, mas tinha épocas que eu freqüentava seis meses a Igreja, assim. Ia pra retiro e coisa assim. Então eu me lembro assim mais das músicas religiosas da Igreja Batista. Eu me lembro que eu adorava assim! Tem e tinha músicas que eu cantava seguido. (Capitu, 23 anos, E).

No que se refere ao uso da música popular no contexto do movimento religioso, e mais especificamente das igrejas evangélicas no Brasil, Araújo (2003, p. 2) discute a utilização de músicas populares no movimento evangélico na cidade do Rio de Janeiro, chamando a atenção para o fato de que a expansão “das chamadas igrejas evangélicas no Brasil como um todo tem sido notada amplamente pela mídia, e em certa maneira, pelo meio acadêmico”. O autor também comenta o exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, sobre a qual afirma:

Sua presença na mídia é assegurada pelo controle de 16 emissoras de televisão, e rádios, 2 jornais (mais de 600 mil exemplares semanais) e uma gravadora (Line Records) [...] A Line Records possui em seu catálogo um amplo espectro de gêneros musicais, do jazz (Hélio Delmiro, Conjunto Cama de Gato) à música romântica (Nelson Ned) e consolida-se como uma das mais fortes fora do círculo das grandes multinacionais. (Araújo, 2003, p. 4).

O citado autor analisa as músicas populares que são usadas no “louvor e na mídia evangélica”, e traz alguns depoimentos de pessoas que trabalham com música ou que fizeram vestibular para bacharelado em música sacra, como o relato de um jovem que veio de uma cidade do interior, onde cantava em coral, freqüentando escola de evangelismo, estudando música com professores particulares e que, posteriormente, “diploma-se em percepção musical para fazer o que se gosta, atendendo uma chamada do Senhor...” (Araújo, 2003, p. 6). Em outro exemplo, Araújo narra que o entrevistado enfatiza que vem de um lar cristão e que “interessa-se pela música desde os sete anos”, pois fez parte do coral da igreja e, mais tarde, foi em busca de “uma formação em fonoaudiologia e canto, adquirindo inclusive algumas técnicas” e, desta maneira, hoje atua como músico tanto na área secular quanto no meio musical evangélico.

Os dois exemplos acima ressaltam o poder das articulações entre as vivências religiosas e musicais destes jovens no espaço de igrejas evangélicas, o quanto estas foram significativas e desencadearam o interesse e a procura por aulas e cursos específicos de música, e também por escolhas profissionais, sem perder de vista a questão da religiosidade e da fé, que como aponta Araújo em seu texto, são aspectos do “louvor e da mídia”.

Um outro enfoque para se abordar música e religiosidade vem do trabalho de Queiroz (2003), que destaca a questão da *música e religião nos grupos de congado*, nele discutindo as relações da música

<sup>3</sup> O *Glória*, *Glória*, *Aleluia* é um hino que é executado tanto nos rituais da Igreja Católica quanto da Igreja Evangélica, e foi lembrado por alunas de diferentes faixas etárias. Existem vários tipos de *Glórias*, mas nesse exemplo a aluna lembrou-se especificamente de um hino cantado nas missas, na Igreja Católica.

com o caráter religioso dos festejos e como a música está presente de diversas formas na vida dos integrantes dos grupos de congado. Faço aproximações das minhas análises da tese com o trabalho de Queiroz, na perspectiva de poder me valer de seu trabalho para lançar um olhar cultural e social entre o fazer musical e a religiosidade das entrevistadas.

Já a fala de Ana remete às lembranças das práticas religiosas e o prazer de frequentá-las, muito em função do cantar nas missas e na preparação para a primeira comunhão, como o exemplo abaixo demonstra:

Eu venho de uma família católica e sou católica. Fiz primeira comunhão, frequentei grupo de jovens e eu sempre adorava ir na missa, mais pra cantar. Quando eu fiquei sabendo que cantar é rezar duas vezes, eu fiquei faceiríssima, né? Eu adorava abrir a boca e cantar. Sempre foi muito prazeroso fazer isso. E depois eu fiz... grupo de jovens e isso trabalha muito a questão da música [...] te dá um prazer cantar na missa, não é aquela coisa "oh, temos de ficar rezando", é uma coisa mais alegre, mais solta, mais leve. (Ana, 22 anos, E).

Após apresentar vários exemplos de trechos das narrativas das alunas que fazem alusão ao cantar, procurei organizar reflexões acerca desse tema, que envolve cantar músicas nos espaços das aulas de catequese e das escolas confessionais, e dessa forma buscar associações entre o prazer que essa atividade propicia para a grande maioria, como as próprias entrevistadas relatam. Constatei que um número significativo de alunas pontuou suas falas e escritos com referência à ação de cantar e, como elas mesmas expressam, ao sentimento de alegria que o ato de cantar envolve. Para compartilhar com esta idéia trago depoimentos de Aline, Manoela e Madalena, em trechos destacados de suas entrevistas e autobiografias:

Como eu sempre estudei em colégio católico, então era direto, nas aulas de religião era sempre; no ensino fundamental, uma irmã que dava aula de religião, então ela vivia ensinando essas musiquinhas de Deus, coreografia... a gente vivia cantando. (Aline, 21 anos, E).

Nesta fase, comecei a fazer catequese e as músicas religiosas sempre me tocaram muito (e tocam até hoje). Agora estou mais envolvida com grupos de jovens, e a música ajuda-nos a refletir sobre a vida e os problemas que surgem, de uma forma muito agradável. Depois fui para uma escola particular católica, cursando as 7ª e 8ª séries. Cantávamos muito nas aulas de religião, mas também refletíamos e analisávamos as letras das músicas que ouvíamos para ver qual a mensagem que elas traziam (Legião Urbana, Titãs, Paralamas do Sucesso, Fernanda Abreu, Mamonas Assassinas, Polegar, Dominó, etc.). (Manoela, 21anos, A).

Ah! Música sempre... Ah, tem umas músicas lindas que eu utilizava, que eu também fui catequista, fui coordenadora de catequese, então a música que ninguém sabia cantar era aquela que eles cantavam sempre no dia da comunhão: *Prometi no meu Santo*

*Batismo*, né! Era uma música que eu tive de ensinar. Eu gostava muito daquela música na época... (Madalena, 56 anos, E).

Gostaria ainda de enfatizar que, ao ler novamente todas as falas das alunas a respeito desse tópico, me chamou a atenção o uso de certas palavras por parte das entrevistadas, como por exemplo Aline e Liliane que se referem, no diminutivo, às lembranças das *musiquinhas de e sobre Deus*, sendo as duas situações relacionadas às experiências musicais vivenciadas no ambiente escolar. Um outro exemplo está na recorrência da referência às práticas religiosas que envolvem o cantar e o pertencer a um coral, vistas como práticas musicais/educativas nos espaços religiosos, presente nas falas de Yasmin, Liliane, Manoela e Margarete.

Para encerrar esta parte, selecionei um trecho da narrativa de Viviane em que ela pontua que não tem lembranças específicas ligadas à religiosidade, mas cita os grupos jovens que as colegas frequentavam e também as aulas de religião da escola, onde as músicas permeavam as atividades e povoaram suas memórias.

Ligada à religião, não! Até porque minha mãe é espírita, e aí assim, ela nunca me forçou muito. Até me lembro assim que no 1º Grau tinha até, as minhas colegas que participavam de grupo de jovens, mas naquela época assim, eu era bem desligada, não tinha tanta vontade. Então o contato que eu tinha era nas aulas de religião que tinha na escola ainda, né (Viviane, 28 anos, E).

### Algumas considerações finais

Ao realizar a análise das narrativas orais e escritas das alunas, fui percebendo a diversidade de identidades musicais e repertórios que emergiam através das entrevistas e autobiografias. Ressalto que senti falta de algumas e me surpreendi com outras. Esperava ouvir com mais força as lembranças das melodias da escola de ensino fundamental e médio, mas esses sons foram identificados de forma esparsa e diluída, muitas vezes timidamente e em alguns relatos com as vozes das professoras e irmãs de caridade das escolas confessionais e com as canções cívicas e hinos na Semana da Pátria. Em contraposição, pude conhecer e até ficar surpresa com a variedade e intensidade dos sons das igrejas e rituais religiosos, com muitas trilhas e repertórios para acompanhar os diferentes momentos e comemorações. Ouvi os sons do harmônio executando os hinos nos cultos, os violões e as músicas que entoavam nas missas e reuniões de grupos jovens. Em outras lembranças as vozes infanto-juvenis nas aulas de catequese misturavam-se a tantas outras sonoridades que permearam os espaços das diferentes igrejas e manifestações religiosas.

Considero também pertinente ressaltar que ao mapear as diferentes ações ou verbos que apareceram nas narrativas das entrevistadas - orais ou escritas -, em relação às lembranças musicais e religiosidade em diferentes crenças e rituais, pude elencar uma multiplicidade que incluía estudar, cantar, ensaiar, aprender, tocar, ouvir, ajudar e refletir. Para algumas das alunas o iniciar um aprendizado musical, como no caso de violão nos grupos jovens e o participar dos cultos, eram pontos de destaque nas memórias. Já gostar das músicas, ouvir e lembrar desse repertório foram aspectos recorrentes em muitas das falas. Certamente cada uma dessas ações estava interligada a momentos e situações específicas, assumindo dessa maneira diferentes funções, mas com um aspecto comum de articular manifestações religiosas com lembranças musicais.

Quando retornei ao amplo material produzido nas entrevistas e autobiografias, percebi que nas memórias musicais da infância, da adolescência e da fase adulta, as vozes masculinas dos pais e avôs destacaram-se através dos cantos nas reuniões familiares, nos corais nas igrejas e nas escolhas das músicas que eram executadas nos programas de rádio e nos discos. As vozes femininas das mães e avôs foram escutadas em poucos momentos, principalmente através das músicas que cantavam para acompanhar as tarefas domésticas como lavar roupa ou arrumar a casa, nas aulas de catequese ou na igreja. Ouvi também as histórias e músicas dos discos infantis, entremeadas com os sons das brincadeiras de roda, os programas infantis, as bandas de *rock* preferidas na adolescência, as escolhas musicais dos maridos e namorados, as influências de amigos e filhos, as músicas românticas, os *shows* de calouros, os programas de TV e tanto outros sons que possibilitaram conhecer o ecletismo musical que compõe o cotidiano desse grupo.

## Referências

- ARAÚJO, Samuel. Louvor, música popular e mídia evangélica no Rio de Janeiro: utilização de músicas tradicionais em um determinado contexto de globalização. *Revista Transcultural de Música*, v. 2, nov. 1996. Disponível em: <<http://www.sibetran.com/trans/trans2/araujo.htm>>. Acesso em: 30 set. 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DEL BEN, Luciana. Práticas pedagógico-musicais e identidades culturais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO, 17., 2003, Montenegro. *Anais...* Montenegro: Fundarte, 2003. p. 10-15.
- FRITH, Simon. Music and identity. In: HALL, Stuart; GAY, Paul du. *Questions of cultural studies*. London: Sage, 1996. p. 108-117.
- QUEIROZ, Luiz Ricardo S. Música e religiosidade nos grupos de congado. In: CONGRESSO DA ANPPON, 14., 2003, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2003. p. 765-771.
- ROBERTS, Brian. *Biographical research*. Buckingham: Open University Press, 2002.
- SOUZA, Zilmar Rodrigues de. A música evangélica e a indústria fonográfica no Brasil: anos 70 e 80. In: CONGRESSO DA ANPPON, 14., 2003, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2003.
- TORRES, Maria Cecília A. R. Articulações entre memórias e identidades musicais de professoras: análise de uma experiência. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10., 2001, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Identidade musicais de alunas de pedagogia: músicas, memória e mídia*. Tese (Doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Recebido em 14/06/2004

Aprovado em 21/07/2004

Complemento ainda que ao longo do trabalho cada aluna teve a oportunidade de apresentar as “suas músicas” escolhidas, correspondendo às diferentes fases da vida e relacionadas a espaços e tempos, oportunizando que eu escutassem uma diversidade de melodias, estilos e compositores. Em relação a este tema, Del Ben (2003, p. 13), em artigo sobre *práticas pedagógico-musicais e identidades culturais*, chama a atenção para que

diferentes situações, grupos e contextos estarão influenciando a maneira como cada receptor realiza o processo de atribuição de significado e de construção e reconstrução de suas identidades. A sociedade contemporânea é caracterizada pela diversidade em termos de classe social, gênero, etnia, grupos sociais e culturais. Não vivemos num mundo homogêneo onde todas as pessoas fazem as mesmas coisas e têm as mesmas expectativas, crenças, valores e objetivos. Precisamos assumir essa diversidade e aprender a trabalhar com ela e a partir dela.

Fazendo ilações com a citação de Del Ben, percebi esta multiplicidade de estilos musicais, por exemplo, quando as entrevistadas lembraram das músicas que embalam o cotidiano delas hoje, como adultas, alunas de um curso de pedagogia, e muitas já professoras do ensino fundamental.

Ao encerrar este texto, ressalto que pensei e desenvolvi esta pesquisa de tese, na perspectiva dos estudos culturais, como uma condição de possibilidade para algumas articulações entre as áreas da educação musical e da pedagogia, na tentativa de conhecer e mapear aspectos das identidades musicais desse grupo de alunas de pedagogia/professoras do ensino fundamental e, dessa forma, poder perceber também os entrelaçamentos que emergiram com suas lembranças musicais e religiosidade, temática essa que me instigou a pensar e buscar ampliar essa discussão em outros trabalhos envolvendo o campo da educação musical.